

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

PODER E AURA

CIBELLE SILVA ARCANJO SOARES
DRE 111031366

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Pintura. Sob orientação do Professor Doutor Fred Carvalho.

Rio de Janeiro
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

PODER E AURA

CIBELLE SILVA ARCANJO SOARES
DRE 111031366

Professor Orientador: Doutor Fred Carvalho

Rio de Janeiro, 2020

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Mestre Licius Bossolan

Doutor Júlio Sekiguchi

Orientação:

Doutor Fred Carvalho

AGRADECIMENTOS

De onde vim, chegar aqui é viagem longa e não linear. De onde vim a gente não chega sozinho e carregamos muitos conosco, porque é assim que a gente também foi levado. Em minha família, minha irmã (apenas dois anos mais velha que eu) só soube o que era vestibular quando já estava no ensino médio da escola pública e em sua geração ninguém havia contado como era o ensino superior. Quando ela soube toda a família também passou a saber. Obrigada irmã, obrigada família, ciente da coragem e vontade de transgressão por quem estava à minha volta, agradeço à todos que me constituem.

A escola pública nos formou. Eu não conheceria a Escola de Belas Artes se não fosse pela professora Cristiane de educação artística do Colégio Estadual Fernando Magalhães (CEFEM), que numa conversa informal me contou como fez para ensinar arte, gratidão professora. Os projetos sociais gratuitos que ONGs e institutos fizeram em minha comunidade/cidade me formaram. Agradeço então à Fundação para a Infância e Adolescência (FIA), ao projeto De Anima, ao projeto Fernanda Keller, à Associação de Moradores de Jurujuba (AMORJ), à ONG Bem TV Educação e Comunicação (e ao grupo Nós na Fita), ao Campus Avançado, ao movimento Niterói Como Vamos, ao Pré Vestibular Social do CEDERJ e ao Pré Vestibular da Universidade Federal Fluminense - PreEnge. Registro esses agradecimentos aqui porque entendo a formação socioeducacional como esse conjunto de trajetórias entrecruzadas e partilha. Sem isso não teria acessado e tido a oportunidade de praticar a consciência social que também agregou muito na construção deste trabalho.

Agradeço àqueles que trilharam os caminhos antes de mim. A todos que expressaram o conhecimento que me alcançou porque quando o conhecimento é expressado a vida de alguém se transforma. E em meio a toda precarização do ensino público (assunto recorrente vivenciado desde a base da minha formação) eu tive sorte de vivenciar tamanha riqueza humana.

Agradeço a cada amiga e amigo que conheci na graduação e às amigas e amigos que a vida me trouxe fora dela que me incentivaram e expressaram apoio ao meu trabalho.

Agradeço aos estágios e bolsas que abriram brechas na possibilidade de me manter na universidade. Ao Programa de Assistência Estudantil, às servidoras Fabrícia, Selene e Anna do setor de promoção institucional e do setor de programação visual da

Coordenadoria de Comunicação da UFRJ (CoordCom), ao Laboratório Audiovisual Cinema Paraíso (da Faculdade de Formação de Professores da UERJ) e ao setor de Mídias e Novas Tecnologias junto a Fundação de Educação de Niterói. Fui bolsista de todos esses lugares e sem eles não poderia arcar com os custos da graduação. Agradeço a todas as mulheres e amigas à frente de cada um desses lugares.

Agradeço muitíssimo aos professores, aos funcionários, servidores e colaboradores da universidade, pois cada um foi essencial durante toda minha estadia junto a graduação.

Agradeço ao ensino público, à universidade pela potencialização e rega de sementes que eu carregava e por me dar novas também. Agradecer a cada atravessamento durante a estadia acadêmica, aos amigos que acompanharam, motivaram, compartilharam, escutaram, aos que passaram antes, aos que vieram e ainda virão depois. Compreendendo o que o acesso e estadia na UFRJ me proporcionou, desejo vida longa e próspera à universidade pública. Que se torne sempre mais acessível, inclusiva e diversa.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 IMAGEM É PODER - A IMAGEM COMO SINTOMA E MANUTENÇÃO DE PRÁTICAS DISCIPLINARES E EXERCÍCIOS DAS RELAÇÕES DE PODER NA CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTEMPORÂNEA | 11 |
| 1.1 Heranças da modernidade: as práticas disciplinares e a produção de verdades | 11 |
| 1.2 As imagens na cultura de massa como veículo disciplinador ou propaganda subliminar | 13 |
| 1.3 Imagem na Pintura: Transmutação das imagens sintomáticas da cultura da violência, (re)sensibilização através da presença e reflexão sobre a expansão do impacto da obra com uso da figuração e representação | 15 |
| 2 A PESQUISA SEMÂNTICA - EXERCÍCIO DE PODER: ARMAS DE FOGO, CULTURA DO MEDO E DA VIOLÊNCIA, ESTÍMULOS E TENDÊNCIAS SOCIAIS DE CONFLITO E GUERRA | 17 |
| 2.1 O poder e sua aura: arma de fogo como objeto-signo de poder e suas réplicas/reproduções | 17 |
| 2.2 Brinca de Matar - A cultura da violência e sua inundação no universo infantil.. | 19 |
| 2.3 O Jogo: Exércitos não oficiais e os heróis das juventudes “perdidas” | 23 |
| 3 PODER E AURA - A CONSTRUÇÃO DA SÉRIE PICTÓRICA: UNIÃO DA PESQUISA SEMÂNTICA E PLÁSTICA | 27 |
| 3.1 Referentes - A busca de referências/pesquisa de imagens | 26 |
| 3.2 Transformação - Preparo das imagens - Composição | 27 |
| 3.3 A pintura: Pintar figurativo e usar elementos da abstração - o artifício da ilusão e seu uso simbólico | 31 |
| 3.3.1 Suporte e preparo de fundo | 32 |
| 3.3.2 Processo | 36 |
| 3.3.4 Algumas ilustrações e reflexões de outros trabalhos | 36 |

| | |
|---------------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 43 |
| ANEXOS | 45 |

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, pretendo analisar e explorar criticamente o vínculo de imagens contemporâneas dos canais de mídia de massa com a cultura da violência e medo em que estamos inseridos, criando obras que utilizam a pintura como linguagem. A pesquisa se divide e complementa em duas partes, uma teórica e uma prática.

O foco está em identificar e reunir imagens sintomáticas que causam incômodo ao refletir um mundo que estimula cada vez mais a cultura do medo e da violência, da impermanência e descartabilidade de pessoas, um mundo alimentado pela morte e segregação, competição, homogeneização/padronização de corpos, dominação, polarização, que lida e reverbera conflitos com uso de força e repressão, guerras, etc. Ao desdobrar em pinturas figurativas a óleo sobre tela ou técnicas mistas viso expor criticamente essas imagens que nos rodeiam a fim de causar reflexões sobre como vivemos, apontando também impactos da cultura do medo e da violência tão inseridos nos nossos cotidianos e comportamentos sociais de forma consciente ou não.

Falar sobre cultura do medo e da violência através de imagens (pintura) que se apropriam de outras imagens (mídia) que expõem e colaboram com a manutenção dessa cultura, traz um peso crítico tanto sobre a propagação das imagens do medo e da violência, quanto sobre as realidades que elas representam e em como são consumidas por nós involuntariamente. Para que essa operação de criar novas imagens com a pintura possa afetar de outras formas um público e assim, agregar também a um debate acerca da banalização da violência em diversas camadas e reflexões sobre o que isso vem provocando. Vejo na construção deste trabalho a soma de um assunto que me atravessa com uma linguagem potente que é a pintura.

Encontrei em alguns conceitos de Walter Benjamin sobre o uso da imagem na construção de discursos subliminares de controle e alienação das massas, bem como o teórico Michel Foucault em seu estudo sobre a origem das práticas disciplinares, de vigilância e punição que identifico serem análogas às práticas e diversos modos de viver herdados por nós, que hoje entram em colapso e aparecem exaustivamente nas imagens da mídia de massa de fontes diversas

como TV, jornal e telejornal, redes sociais e internet, fazendo uso também da minha vivência através da observação da própria realidade do meu entorno enquanto identificação e catalogação de um lugar dito periférico (Morro do Preventório, Niterói/RJ) que se transformou completamente após políticas de segurança pública serem aplicadas na vizinha cidade do Rio de Janeiro a qual frequentei durante a vida acadêmica.

A arte tem o poder de despertar a atenção, favorecer diálogos e questionar os modos de viver. Assim, neste trabalho, abordo alguns dos modos que são tão tóxicos para a própria perpetuação da humanidade como um coletivo plural e diverso. O intuito é contribuir criando obras que questionem e exponham o problema da cultura da violência e colaborar com o esforço de preservação da sociedade, os recursos naturais e também os saberes através das reflexões estimuladas pela série de pinturas sendo mais uma linguagem que chame à contemplação.

Com uso da Arte por um viés de educação através dos sentidos é possível criar um contraponto que questiona o status quo de uma sociedade que se vê fazer uso constante, ou que mantém insistentemente, práticas violentas, polarizadas e conflituosas. Pois na arte há a potência de desacelerar, fazer aflorar e retomar a parte mais sensível do “corpo-máquina” (que é ilusório e inalcançável). A arte muda a vida estimulando formas de expressão e contemplação através dos sentidos. E os sentidos podem levar ao pensar/repensar/refletir. Transformar imagens digitais e as transportar para a pintura muda a forma como essas mesmas imagens são apreendidas. Neste processo a imagem, antes digital, toma um caminho inverso sendo feita à mão e tinta, e sua exibição é feita sem um dispositivo intermediário para o alcance do olho. É uma ressignificação.

Na pintura com variedade de texturas, cores, direções de pinceladas, há a possibilidade de solicitar uma imersão e concentração mais desacelerada ou focada, tanto durante a sua produção quanto no seu objetivo final: a sua contemplação. Em geral, perde-se muito ao olhar rápido para um quadro, pois o tempo que ele solicita ao espectador é outro, a experiência com o cheiro da tinta, a matéria, a escala, o se colocar diante da obra, etc. Tudo isso é potente para desaceleração e experiência de sentidos. A pintura é uma experiência orgânica de

leitura de imagem. Para ser experienciada de forma completa é preciso resgatar parte do valor de culto da imagem, ou seja, estar presente para visualização perante as obras originais de pintura a fim de contemplar o que ali se encontra. Dessa forma, não seria a pintura contemporânea algo que se torna aqui um outro tipo de imagem diante do nosso mundo de imagens digitais que são encolhidas para caber em telas portáteis, fragmentadas, vistas de forma acelerada e superficial? É possível então ressignificar o fazer pictórico nos tempos de hoje de forma que ele contribua, nem que seja um pouco, com a solução de nossas problemáticas também? Acredito que sim.

No primeiro capítulo deste trabalho é feita uma rápida contextualização histórica utilizando conceitos estudados por Foucault sobre as práticas disciplinares e seu desenvolvimento associando isso às imagens da cultura da violência presentes na mídia de massa contemporânea como parte também desses veículos disciplinadores. Também é abordado neste capítulo, o uso da pintura como uma tentativa de criação de um outro tipo de imagem que se contrapõe às imagens digitais contemporâneas e a figuração/representação como um tipo de prática facilitadora ou ponte de reconhecimento na apreensão da obra e dos assuntos abordados, por agentes de fora do circuito artístico, aqueles que não estão por dentro dos formatos, linguagens plásticas, etc. mas que identificam na figuração corpos reconhecíveis. Pois são pessoas que também pretendo alcançar com meu trabalho.

No segundo capítulo a pesquisa semântica da série é aprofundada apresentando dados, imagens e estudos de caso, falando de um grande vetor da violência: a arma de fogo e de sua imagem como signo; da influência da cultura da violência e a função da mídia de massa como formadora de um imaginário na vida cotidiana a começar desde o universo infantil. Com a pesquisa já em andamento tive a grande sorte de me deparar com o lançamento recente (2019) do livro “Armas para quê?” do sociólogo Antônio Rangel Bandeira o qual aprofundou e clareou muito sobre o que envolve armas de fogo no Brasil e no mundo e que não poderia deixar de usar em algumas citações.

O terceiro capítulo apresenta detalhadamente os processos escolhidos e utilizados na produção prática da pesquisa, desde a busca por referências e suas montagens, passando pelos pensamentos plásticos na construção pictórica de fato.

1. Imagem é Poder - A Imagem como sintoma e manutenção de práticas disciplinares e exercícios das relações de poder na cultura da violência contemporânea

1.1. Heranças da modernidade: as práticas disciplinares e a produção de verdades

Mesmo em constante mudança, toda sociedade é herdeira de modos de vida desenvolvidos no passado. Muitas das práticas, saberes e discursos que convivemos hoje são continuidades de práticas, saberes e discursos que o momento histórico da modernidade nos trouxe. Segundo Foucault, algumas instituições que nasceram nos primórdios da Era Moderna, trouxeram consigo processos de disciplinarização, controle, normatização e punição que se apropriaram dos corpos existentes a fim de alcançar seu caráter no grau mais alto de utilidade (produtividade) e docilidade (obediência), características perfeitas para que as relações de poder existentes pudessem também governar e manipular esses corpos:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

(FOUCAULT, 1975, p.126)

Também desde a modernidade, aproximadamente na segunda metade do século XVIII e início do XIX, há o desenvolvimento acelerado dessas práticas de vigilância, controle e punição, que se tornam cada vez mais incisivas, aplicadas na população por diversas esferas, instituições e relações de poder. São práticas disciplinares que fazem uso da demarcação do tempo, do desenvolvimento do maquinário, a linha de montagem, o quadriculamento dos espaços, a criação de espaços de confinamento.

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir. (...) Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1975, p.131)

Conceitos da modernização que mesmo impulsionando uma nova economia de tempo e produção de saberes, também nos trouxeram a tempos frios normatizadores, individualistas e apáticos enfraquecendo cada vez mais as relações mais sensíveis, peculiares e também as coletivas. Conceitos que também reproduzimos a exaustão em nossas escolhas, atravessamentos e impactos cotidianos conscientes ou compulsoriamente.

Com esses diversos mecanismos para adestramento e disciplinarização dos corpos da população por um lado foi possível alcançar a sensação de controle sobre o próprio corpo de forma a conhecê-lo melhor e o aumento da longevidade através da otimização na produção da informação com catalogação, aparatos, medicina, educação, produção e registro de saberes, avanços e desenvolvimento de tecnologias, mas por outro lado também nos vimos chegar a um momento de superexploração de recursos naturais e humanos, apatia e banalização devido aos excessos de produção/exploração, ausência de escuta, acolhimento e reconhecimento do que (ou de quem) não se adequa à norma, desembocando e reforçando intolerâncias de todos os tipos, conflitos, violência, preconceito e segregação, fascismo e a própria guerra.

Diante desse contexto geral, temos diversos veículos disciplinadores (produtores de verdades) hoje e a imagem da violência e de elementos de militarismo na nossa cultura e mídia de massa é também um índice de disciplina e vigilância que aponta discursos das relações de poder existentes de forma subliminar. A propaganda da violência gera medo, sensação de insegurança, promove exemplos e modelos. Isso cria uma demanda, ou influencia que assim se enxergue, a criação de um mercado consumidor, que consome o que existe relacionado a proteção. Mas quem pode pagar por isso? E quem lucra com as cenas do caos e do conflito? Que indústria produz a possível solução, aquela que oferece a proteção ao consumidor atemorizado ou faz uso desse conceito ao criar diversos produtos como a indústria das armas e a indústria de segurança privada, que também são instrumentos de práticas disciplinadoras e se retroalimentam através da propaganda subliminar de si mesmas e/ou do medo cotidianamente.

A arma de fogo é um vetor de violência, um objeto-signo de poder e mais um instrumento disciplinador que passou por muitos processos de modernização o

que aumentou (e muito) seu poder e finalidade de destruição. A arma de fogo é ameaçadora, ela é a própria foice da morte e sua aura nos alcança também com a propagação exaustiva de sua imagem. Sabendo da finalidade de seu uso, nos alcança o medo que é causado também com a sua presença. A mídia de massa ao exibir cenas de violência e/ou de elementos e vetores de violência corrobora para que continue havendo a própria violência na realidade e a realidade por sua vez para que continue havendo sua presença nas imagens.

1.2. As imagens na cultura de massa como veículo disciplinador ou propaganda subliminar

Imagens de vetores de violência como as armas de fogo, tão comuns em filmes, séries, fotografias e relatos de jornais/telejornais, vídeo-games, etc. estão intimamente ligadas à construção e manutenção da própria cultura da violência. Ao estarem constantemente aparecendo para nossas vistas nos acostumamos e convivemos com elas, muitas vezes admiramos essas imagens, amamos, usamos, vestimos, desejamos, consumimos e vamos normalizando suas existências. Mesmo quando o que é representado nessas imagens na realidade desperte em nós sensações negativas como medo e insegurança. São imagens que além de refletir um modo de vida, interferem e influenciam vários de nossos comportamentos sociais. Para exemplificar, uma arma de brinquedo pode parecer um objeto inocente, da mesma forma que um jogo de tiro, uma peça de trench coat e camuflagens, heróis armados do cinema, soldadinhos de plástico, mas e quando tudo isso está na realidade e não for só representação?

Ao multiplicar a reprodução, ela substitui a existência única por uma existência serial. E, na medida em que a reprodução permite que o receptor tenha acesso à obra em qualquer circunstância, ela a atualiza. (Benjamin, 1936, p.13)

As imagens de elementos de guerra espalhadas em muitos veículos de transmissão trazem para mais perto de quem as vê a existência real desses

elementos e com isso propagam-se, tanto as imagens quanto o consumo do que elas representam. A imagem se reproduz e com isso a realidade também. Há o estímulo, baseado nesse desejo das massas de possuir o objeto da propaganda por estar vinculada e representar o poder de um status social que é certificado numa sociedade hierárquica, de consumir aquilo que é exibido. Em representações de ostentação de poder o estímulo a esse consumo/vontade é maior ainda. A aura do poder social (enquanto dominação) consegue atravessar uma representação. Essa aura está ligada ao que há historicamente em volta daqueles objetos representados que são associados a ideia de que quem tem a posse desses objetos exerce poder hierárquico ou de dominação sobre os demais. Uma farda, uma arma, a força, o controle, a hierarquia, a decisão de vida ou morte, o poder.

Aproximar as coisas, espacial e humanamente, é um desejo tão intenso das massas contemporâneas quanto sua tendência a superar o caráter único das coisas, graças à reprodução. A cada dia torna-se mais irrecusável a necessidade de chegar o mais perto possível do objeto por meio de sua imagem, ou melhor ainda, por meio de sua cópia ou reprodução. (Benjamin, 1936, p.14)

As imagens veiculadas na televisão e em outros canais da mídia de massa, também se encaixam no afastamento cada vez maior do uso ritualístico e contemplativo do objeto visto aumentando proporcionalmente as possibilidades de sua própria exposição, porém sem contemplação e sem nenhum questionamento crítico o suficiente, desembocando na contribuição da alienação da sociedade sobre os temas abordados nas imagens reproduzidas por esses canais e até a própria linguagem visual, que se torna apreendida de forma inconsciente, ausente de raciocínios mais profundos e reflexões. São imagens e fragmentos que passam no cotidiano em excesso e não são criticadas, muitas vezes nem percebidas e que vão enchendo o imaginário, manipulando, moldando, direcionando comportamentos sociais. Para muito além da exibição de sintomas de uma sociedade violenta ou cruel, essas imagens também proporcionam, como propagandas subliminares, discursos que estimulam uma roda viva de medo,

geratriz de mais violência e sensação de insegurança na realidade, pois banalizam ou romantizam o que representam.

1.3. Imagem na Pintura: Transmutação das imagens sintomáticas da cultura da violência, (re)sensibilização através da presença e reflexão sobre a expansão do impacto da obra com uso da figuração e representação

Esmagados sob as relações de poder existentes e a modernização do mundo impôs-se aos corpos que se tornassem máquinas, ou que se aproximassem ao máximo dessa ideia distópica. Dentro da sociedade onde todos devem produzir com vigor e velocidade, sem muito tempo para pausas, contemplações e reflexões. Tudo ficou guardado em caixas, separadas cada uma no seu espaço, quadriculadas, segregadas, fortemente controladas. Anestesiados, distraídos e exaustos seguimos em frente, sendo as engrenagens que movimentam o mundo perpetuando o doentio sistema vigente.

Segundo Benjamin, “a imagem da pintura convida o espectador - que pode se abandonar a livre associação de ideias - à contemplação.” diferente da imagem do cinema (que aqui, pareio também às outras imagens contemporâneas da cultura de massa principalmente as digitais, da televisão e internet, redes sociais, etc. não excluindo as de propaganda em seus outros veículos de circulação) em que “mal uma imagem é percebida, já se altera; não pode ser fixada. (...) A associação de ideias dos que veem as imagens é interrompida pela sucessão delas.” (BENJAMIN, 1936, p.30) ou seja, devido a quantidade de imagens que nos bombardeiam o tempo todo e passam em fluxo constante, não há tempo de fruição e muito menos de crítica daquilo que vemos.

Diante disso, fazer pinturas hoje sobre imagens que não são apreendidas criticamente é criar um contraponto na forma como é elaborada e absorvida a maior parte das imagens contemporâneas. É transmutar a imagem com outro tipo de imagem para que não seja vista da mesma forma. Uma conta com a ausência da atenção, ausência da contemplação, ausência do pensamento e do próprio ser por estar em veículos que estimulam essa velocidade. A outra estimula a presença, instiga e captura o olhar, mas provoca o pensar junto ao sentir para que haja

compreensão dessa imagem. Isso tem a potência de ser um germe de mudança sob alguns aspectos: Quando aliada a práticas socioeducativas não só a pintura, mas a Arte ainda encontra em sua existência um poder crítico. A pintura que traz uma realidade política contemporânea se torna uma das possibilidades de ser um canal crítico que aborda problemáticas sociais ao mesmo tempo que captura o olhar do espectador estimulando/despertando o sentir. São dois trabalhos aí, o de causar reflexões e o de criar espaço de respiro e fruição na sociedade do automatismo, da velocidade e do estímulo à insensibilidade.

Tendo além da criação das obras a preocupação de acesso à sua própria fruição e de alguma forma ver uma luz ou ponte com uso de uma comunicação sensível capturada pela identificação figurativa/representativa dos elementos dentro do quadro por indivíduos que não têm desenvolvido ou estimulado o olhar para obras de arte, nem a frequência a espaços institucionalizados, nem muita proximidade do fazer artístico acredito ser possível enxergar nessas pinturas figurativas a potência de diálogo com os “leigos em arte” e cidadãos marginalizados como os que próximos a mim vivem que conseguem despertar reflexões e conversas após captura da atenção pela identificação semântica dos corpos e objetos representados muitos dos quais estão presentes no imaginário ou em suas próprias vivências ditas periféricas como a arma de fogo, as cápsulas de bala ou os trajes militares. É uma chance de dialogar e colaborar com reflexões, dando contextualização, falando do impacto daquela cultura retratada em nossas vidas e quem sabe a dimensão e potência de mudança na própria realidade que isso pode gerar. É a educação através da arte.

2. A pesquisa semântica - Exercício de Poder: Armas de fogo, cultura do medo e da violência, estímulos e tendências sociais de conflito e guerra

2.1. O poder e sua aura: arma de fogo como objeto-signo de poder e suas réplicas/reproduções

A função da arma é matar.

(Bandeira, 2019 p. 336)

A arma de fogo é um objeto criado com finalidade de destruição; ela carrega dentro de si a potencialidade de fazer escolher, com seu uso, ameaçar, matar ou deixar viver. Quem a segura devido a sua função detém o “poder de Deus” nas próprias mãos. Com um simples aperto de botão (gatilho) é possível ferir mortal e instantaneamente. É uma otimização da morte. Com esse poder é possível dominar e até conduzir ações de uma vida. Uma pessoa sob a mira da arma de fogo tende a ser dominada, pois sabe que ali, naquele objeto, está a chance de perder a própria vida. É o instrumento, a arma quem dá a sensação desse poder, está nela a aura de vida e de morte, a aura do próprio exercício de poder. Seu desenvolvimento tecnológico já atinge diversos fins que não só seu uso de destruição na guerra ou na segurança pública.

Atualmente, as armas de fogo estão inseridas no cotidiano civil de muitos países como em um grande exemplo: os Estados Unidos. Lá até mesmo crianças podem ganhá-las de presente, inclusive já existindo armas decoradas com cores vibrantes em tamanho menor e funcionais (que podem de fato disparar munição) para atender com mais especialidade e conforto o público e a anatomia infantil como a então criada linha de rifles Crickett chamada “My First Riffle”, as quais conheci através de imagens fotográficas publicadas por consumidores orgulhosos em perfis da rede social *Instagram*.

Também é nos Estados Unidos que milhares de pessoas morrem vítimas de tiros disparados por armas de fogo. Só em 2017 até o mês de outubro, segundo a associação *Gun Violence Archive*, 11.685 pessoas morreram por disparos de armas de fogo nos Estados Unidos, o equivalente a 42 por dia. O número é realmente alto, mas nem se compara ao número do mesmo dado (mortes por tiros registradas diariamente) no Brasil, que em 2017 chegou a impressionantes 130 mortes por dia, segundo o mais recente Atlas

da Violência 2019 (IPEA/FBSP¹), onde a maioria das mortes é resultado de confrontos entre policiais e traficantes de drogas.

No Brasil, muito se debate sobre a flexibilização da legislação da posse e porte de armas de fogo por civis mesmo sendo um item já comprovadamente contribuidor para o aumento da violência urbana e fortemente controlado desde 2003 com o Estatuto do Desarmamento (sancionado no governo Lula, e que inclusive contribuiu para a contenção do aumento dos indicativos de acidentes e mortes por armas de fogo, segundo o Atlas da Violência de 2019, apesar de os números ainda serem assustadores). Do total de homicídios do país, 72,4% são com uso de arma de fogo. Das 65.602 mil mortes, 47.510 mil foram mortas por tiros. (Atlas da Violência 2019 (IPEA/FBSP²)). E armas de fogo e outros materiais belicosos têm suas imagens circulando dentro e fora das casas massiva e cotidianamente. A propaganda/propagação do assunto nunca parou.

Muitos filmes hollywoodianos cheios de imagens de armas de fogo e heróis americanos as utilizando são exibidos também na TV aberta brasileira. Em 2017 houve um caso de uma metralhadora M60 semelhante a usada pelo personagem de cinema Rambo que foi apreendida pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Segundo uma matéria jornalística essa apreensão “foi festejada pela cúpula da segurança pública estadual e vista com certa apreensão por especialistas no tema”, vindo depois a ser descoberto que a arma era de ‘brinquedo’, sendo na verdade uma réplica em AirSoft (arma de pressão que dispara bolinhas de plástico (bbs) de 6mm de diâmetro usada em jogos de simulação de combate). Em todas as matérias que vi sobre esse fato a relação de comparação entre a arma apreendida com a imagem da arma que aparecia nos filmes do Rambo era o grande chamariz das matérias, enfatizando isso bem no título ou chamada. Provar que o que está no filme também está na vida real pode gerar muito mais impacto na realidade dando um caráter de sensacionalismo maior. É um espetáculo ter no mundo real a imagem da arma de um filme. Mais uma prova de que a imagem interfere na realidade e são espelhos uma da outra também.

Através das imagens em primeira pessoa de jogos eletrônicos, jogadores se sentem ‘dentro’ da cena do jogo da tela a sua frente e as ações de seus personagens se tornam a ação dos próprios jogadores que tem a ilusão ou sensação de vivenciar cada

¹ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Fórum Brasileiro de Segurança Pública

² Idem

uma dessas ações (enquanto jogam). Em games de tiro e simuladores de combate e guerra em primeira pessoa é possível sentir como se fosse possível de fato atirar em inimigos, as histórias se desenrolam e resolvem-se problemas de dentro da narrativa 'matando' outros personagens e no fim vencendo, se tornando o próprio herói/sobrevivente/dominador da trama.

"Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediadamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante". (SANTAELLA, 1983, p.90)

A arma de fogo é um signo de poder (topo/dominação) e a imagem da arma é um signo do signo e acredito que isso seja levado em conta também para a produção de tantas imagens sobre o assunto. O registro ou reprodução são desejados tanto quanto o objeto, a imagem enquanto representação da realidade nem sempre é vista como pura ilusão e, portanto, também se torna poderosa. É um flerte com o que representa.

2.2. Brinca de Matar - A cultura da violência e sua inundação no universo infantil

Desde a infância somos bombardeados com essas imagens. Somos acostumados a conviver e consumir brinquedos, filmes e jogos que camuflam (ou não) intenções de ódio, violência, morte e destruição. De armas de plástico que atiram água ou ar, soldadinhos e miniaturas de tanques de guerra a roupas e objetos com estampas camufladas, entre outros exemplos, são imagens que circulam livremente em diversos aparatos como a televisão, internet, jornais, histórias em quadrinhos, cinema, revistas, peças da moda, videocliques, videogames, propagandas, etc. Estão à nossa volta e fazemos uso delas sem raciocinar sobre os impactos disso, muito menos seu impacto enquanto veículos de formação do imaginário social contemporâneo desde sua base: a infância.

Desenhos animados produzidos nos EUA na década de 1940 como *Bugs Bunny*, conhecido no Brasil como Pernalonga, foram exibidos na TV Brasileira pela Rede Globo nos anos 1990 (anos da minha própria infância) em versões dubladas em que apareciam em muitos episódios representações de personagens armados como o adversário do coelho Pernalonga, *Yosemite Sam* (aqui conhecido pelo nome de Eufrazino Puxa-Briga) ou *Elmer Fudd* (Hortelino na versão brasileira).

Figura 1: Personagem *Yosemite Sam* (Eufrazino Puxa-Briga)



Figuras 2 e 3: Personagem *Elmer Fudd* armado (Hortelino na versão dublada brasileira)



Problematizando um pouco mais, já é sabido que crianças expostas à violência podem estar propensas a desenvolver comportamentos violentos durante a própria infância e/ou quando adultos:

O costume antigo, que recomendava “bater para ensinar”, foi contestado pela pedagogia contemporânea, ao advertir que “quem ensina batendo, está ensinando a bater (...) Pais que batem, ensinam os filhos a obedecer por medo e não por convicção. (...) Infelizmente o uso da violência na educação ainda é muito disseminado em nossa cultura. Quando na solução de conflitos pessoais se impõe a propensão ao uso da força e não a persuasão e ao diálogo, e a ela se soma o uso de armas de fogo, temos como desfecho o homicídio”. (BANDEIRA, 2019 p.70)

A inundação do imaginário infantil com brinquedos que simulam armamento e guerra junto de imagens de violência pode nos mostrar como tudo se conecta até chegarmos à venda de armamento funcional direcionado para crianças o que já ocorre nos EUA, um país também marcado por seus vários massacres e acidentes por arma de fogo pelas mãos de crianças e jovens. E no Brasil também tivemos massacres em escolas e igrejas, inclusive inspirados em massacres estadunidenses. Sendo o maior o que ficou conhecido como massacre de Realengo.

Antes se achava que “filmes e jogos violentos” eram bons para que a criança e o jovem “extravasassem os instintos violentos”, descarregando-os na fantasia e não na vida real. Isso pode suceder com crianças que têm famílias estruturadas, que recebem uma educação que serve de contraponto a esse tipo de influência. O mesmo não sucede quando essa contrainfluência não existe. Sucessivos atos violentos em que seus jovens autores explicitamente diziam se inspirar em filmes e vídeos violentos mudaram essa ótica. (BANDEIRA, 2019 p. 69-70)

Se há o contato dessa infância, se observarmos as crianças fazendo um devido recorte de classe podemos ver que sem estímulo de pensamento crítico (algo relacionado ao acesso a uma boa educação e condições socioculturais

melhores) sobre o que se vê a cultura da violência é simplesmente absorvida/imitada e propalada.

A empresa *KSA Keystone Sporting Arms*, criada em 1996, produz rifles calibre 22 de uma linha chamada *Crickett* cujo slogan é “*My First Rifle*” (Meu primeiro rifle). Como já mencionado são armas decoradas com cores vibrantes em tamanho menor para atender com mais especialidade e conforto o público e a anatomia infantil que até parecem de brinquedo, mas são completamente funcionais (de fato podem disparar munição). A *KSA* diz que está em constante crescimento anual. Para se ter uma ideia, em 1996 a produção deles foi de 4.000 rifles, já em 2008 produziu 60.000. Em seu site diz que “A empresa está equipada com equipamentos modernos e de última geração com a capacidade de aumentar a crescente demanda por armas de fogo.”.

A cultura da violência estimula além da própria violência a sensação de medo e insegurança, que por sua vez estimula o consumo e atitudes para tomar medidas de proteção cada vez maiores, chegando muitas vezes a medidas que acabam gerando mais violência. A arma de fogo em sua própria existência é um vetor de violência. Atualmente no Brasil, ao invés de termos governos que se preocupem em criar e manter políticas de segurança pública mais efetivas com trabalhos inteligentes que façam uso de análises das nuances envolvidas nesse problema complexo, vemos a tentativa da importação superficial de um modelo norte-americano que já é falho e muito perigoso principalmente diante do contexto de extrema desigualdade social que vivemos. Influências da cultura norte-americana permeiam o imaginário brasileiro. E hoje muitos dos canais da mídia de massa contribuem distribuindo cenas de horror ora com programação sensacionalista que gera pânico ou, com sua constância, banalização ao relatar todos os dias vários casos de violência com muitas imagens. Propaganda para gerar mais violência e medo. Sensação de insegurança. Uma roda viva.

Figura 4: Registro fotográfico da pintura (In)Segurança



Cibelle Arcanjo acervo pessoal

A fonte da imagem de referência usada para construir a pintura “(In)Segurança” veio da imagem da fotógrafa An-Sofie Kesteleyn que tem uma série de fotografias também chamada *My First Rifle* em que ela fotografou crianças que tinham posse dos rifles da *My First Rifle*.³

2.3. O Jogo: Exércitos não oficiais e os heróis das juventudes “perdidas”

O esforço de se entender a atitude violenta do jovem tem chamado a atenção, além dos fatores conhecidos, para a importância da arma de fogo como fetiche, símbolo de poder e status que assume importância especial para um jovem de comunidade pobre, que de outra forma permaneceria “invisível”. (BANDEIRA, 2019 p. 71)

Aqui no Brasil, no atual sistema, o tráfico de drogas ilícitas é uma missão incumbida a juventude em esmagadora maioria negra, desprovida financeiramente

³ <http://www.ansofiekesteleyn.be/storie/my-first-rifle/>

e de muitos direitos básicos, segregada e marginalizada. É muito desafiador ter perspectivas de crescimento pessoal num lugar com tanta falta de direitos básicos ou possibilidades que de fato sejam alcançáveis, em um lugar em que quase ninguém é estimulado a sonhar.

Considerando que o jovem se encontra em plena fase de autoafirmação, de aceitação por parte da sociedade, um adolescente excluído, inferiorizado pela pobreza e pela raça, em reação, adquire “visibilidade” e “respeito” dentro de sua comunidade quando empoderado por uma arma de fogo. Os jovens são, dessa forma, presa fácil da glorificação da arma como instrumento de força e poder. (BANDEIRA, 2019 p. 71)

É muito comum vermos imagens em que traficantes de drogas ostentam armas de fogo e mesmo que esses objetos sejam signos de poder, não há empoderamento social no sentido estrutural. Eles não serão legitimados pela sociedade, não terão sua libertação/emancipação. A exposição de corpos ainda mais manipulados e colocados na linha de frente do tráfico por serem considerados descartáveis.

Figura 5: Frame em matéria jornalística. “Em vídeo, criminosos ostentavam armamento apreendido no São Jorge”



Jornal NH BM/Especial

Figura 6: Foto em jornal online, Título da matéria: "Homens ostentam fuzis em piscinão na zona norte do Rio de Janeiro"



Foto: Reprodução/Twitter

O poder (enquanto dominação hierárquica neste tipo de sociedade) se torna então restrito e hermético ao território que ocupam, sendo um território marginal já segregado não só pela existência da criminalidade, mas muito pela ausência ou precariedade de muitos direitos. Em suas mãos armadas existe mais um pedaço da aura do exercício de poder. E é esse mesmo flerte com a aura do poder que nos faz propagar imagens assim, bem como performar atitudes com roupas camufladas e estética militar e nos sentirmos poderosos numa sociedade hierárquica que estimula muito mais princípios de dominação

e competição e (muito) menos de colaboração.

Figura 7: Registro fotográfico da pintura "Brinca de Matar"



Pintura e fotografia Acervo pessoal Cibelle Arcanjo

3. Poder e Aura - A construção da série pictórica: união da pesquisa semântica e plástica

3.1. Referentes - A busca de referências/pesquisa de imagens

O trabalho se desenvolve a partir da captura de registros imagéticos do assunto em questão. Busquei fotografias caseiras de famílias de diversos lugares do mundo nas mídias sociais como *Instagram* e *Facebook*, imagens de roupas e moda, propaganda e propaganda infantil de brinquedos, registros visuais de apreensão da polícia, desenhos animados, fotografias da televisão, imagens de filmes (frames e cartazes), fotografias digitais de notícias de jornais online ou impressos e captura da tela (*printscreen*) do computador/console de videogames. As fontes são muitas e variadas e todas foram de muito fácil acesso devido a inundação de imagens desse tipo na cultura de massa.

Nas redes sociais uma das coisas que fizeram a pesquisa crescer exponencialmente em quantidade de imagens, principalmente as da cultura armamentista norte-americana, foi o rastreamento através de hashtags, onde os usuários criam um código de redirecionamento e organização de conteúdo de imagens dentro das duas redes (*Instagram* e *Facebook*) que reúne muitas imagens de armamento e militarismo no cotidiano de usuários. Para exemplificar algumas: #gunslovers, #guns, #gunsdaily, #myfirsttrifle, etc.

Figura 8: captura de imagem de referência encontrada via uso da hashtag #myfirstrifle no Instagram



3.2. Transformação - Preparo das imagens - Composição

Reunidas as imagens uma a uma é analisada e preparada com edição no software *Photoshop* para se tornarem referências visuais para minha pintura. Nesse momento o preparo tem a ver com a manipulação de diversos atributos da imagem para fazer uma composição como dimensão, escala, proporção, enquadramento, direção compositiva, contraste, repetição, colagem, comparação, padrão, agrupamento, deslocamento,

destaque, apelo visual, saturação e indicativo de paleta de cor, entre outros. Em cada imagem é construída ou exaltada (nas que já havia) uma narrativa completa nela própria ou expandida, simbolicamente, quando acompanhada de outra imagem como no caso do díptico e das que possuem muitas colagens compostas.

Depois de prontas as referências, realizo uma marcação linear manual (em geral a olho nu e mão livre ou com auxílio de equipamento de projeção de imagem) traduzindo na tela esticada e previamente preparada com fundo acrílico branco o desenho ou esquema que insinua as formas principais que quero abordar da imagem de referência. Após isso dou início a pintura.

Manipulo as imagens como no caso abaixo ilustrado em que movi a arma e a mão das figuras para agregar sentido simbólico à narrativa durante a feitura do desenho de marcação, reforçando uma narrativa que reflita mais criticamente fatos comumente noticiados na mídia de massa pois só transpor a imagem não garantiria viés crítico nos trabalhos separados.

Figura 9: Imagem de referência capturada com ferramenta de *Printscreen* feito com *smartphone* na rede social *Instagram*



Figura 10: Marcação linear com modificação de recorte/“enquadramento” e nova narrativa construída alterando a posição da arma



Figura 11: Registro da pintura em processo



Figura 12: Registro fotográfico do resultado da pintura



As escolhas plásticas na construção do desenho e da pintura buscam corroborar para os significados da própria obra. Na roupa do garotinho iniciei demarcando o quadriculado do tecido xadrez da referência, depois fiz nova camada representando uma farda camuflada que tendo as mesmas cores da calça e do boné do adulto também constrói um direcionamento do olhar pela composição para o momento da arma, além do significado da própria farda vestindo uma criança loira armada.

3.3. A pintura: Pintar figurativo e usar elementos da abstração - o artifício da ilusão e seu uso enquanto signo

Dissolução, transposição, presença de matéria e empastamento, contraste e nitidez, apagamento, misturas e passagens de cor/plano, neutralidade e camuflagem, blocamento/block-in (técnica de ilusão de tridimensionalidade com a criação de blocos que simplificam os planos de luz e sombra dos elementos representados), textura visual da tinta, etc. com o intuito de enriquecer a imagem final que essa pintura vai ter e também

a própria idéia/conceito da obra, unindo tudo quanto possível no nível sintático e semântico. Por sua grande versatilidade vi na tinta a óleo a melhor escolha técnica para conseguir o alcance desses objetivos, mesmo que por vezes ela não tenha sido suficiente e somei a ela outras técnicas como canetas de cor metálica e tintas de base acrílica, giz pastel oleoso e até cola purpurinada. No item 3.3.4 é possível ver mais fotos de alguns exemplos de trabalhos e pensamentos plásticos.

Em meu processo, vou criando as pinceladas e observando o efeito delas na composição total do quadro, e aos poucos preenchendo os espaços da tela e/ou deixando o fundo aparente tornando-o parte da imagem final, principalmente nos brancos a fim de permitir uma iluminação maior nessas áreas. Por vezes o branco da tinta não criava o efeito desejado, vi nesse artifício do uso do fundo respirando a solução desse problema.

3.3.1 - Suporte e preparo de fundo

O suporte utilizado foi a tela de algodão cru, esticada sobre um bastidor de madeira e preparado com tinta acrílica. A imprimação branca permite que as cores depositadas em cima dela fiquem bastante luminosas. E foi essa a escolha para o fundo de todas as pinturas da série.

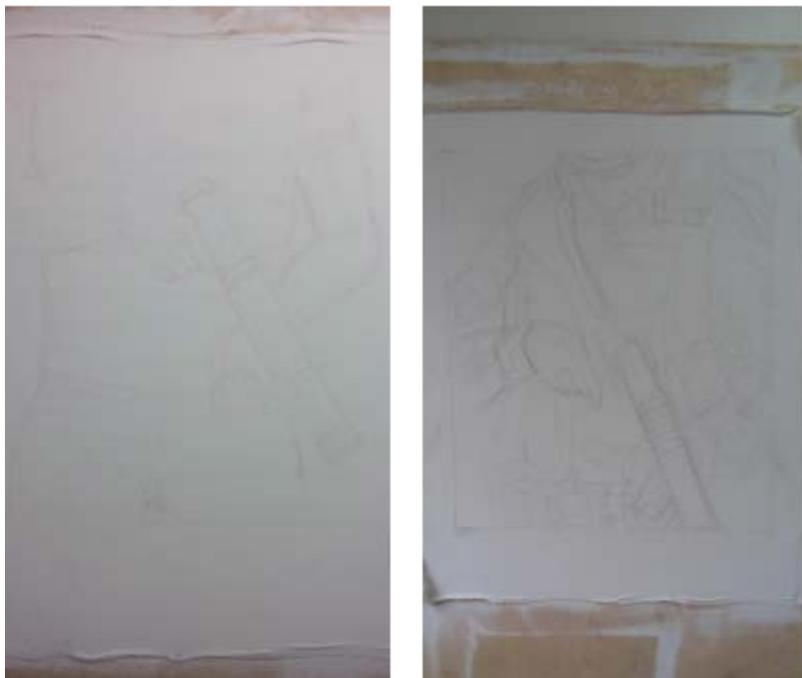
Figura 13: Tela de algodão cru esticada em madeira (bastidor), preparada com imprimação branca de base acrílica



3.3.2 Processo

Um dos primeiros trabalhos da série, o díptico chamado “Compra e Venda” (2018) foi feito assim:

Figura 14 e 15: Registro de processo díptico "Compra e Venda"



Com o fundo preparado, foi feita uma marcação linear a olho nu com lápis conté de pigmento prensado colorido, através de observação das imagens de referência.

Figura 16 e 17: Grandes massas e blocamento já com as cores próximas às finais.



Grandes massas e blocamento já com as cores próximas às finais. Pintura com pouca camada, bem direta.

Figura 18 e 19: Registro de processo díptico "Compra e Venda"

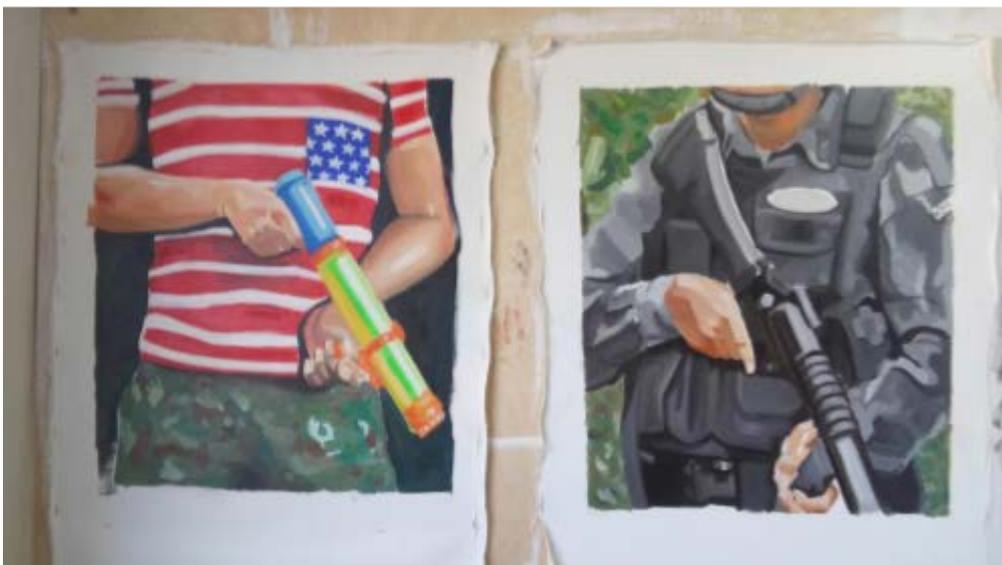


Figura 20: Registro fotográfico do resultado. Díptico "Compra e Venda", 2018



O primeiro corpo tem brilhos um pouquinho mais marcados, como seria caso a luz incidisse sobre superfícies mais plásticas. A paleta de cores é mais saturada, como ocorre nas imagens de propaganda de armas de brinquedo. A militarização desumaniza e estimula o afastamento dos corpos de suas contradições, imperfeições e riquezas plurais. Ela uniformiza, formata e cataloga a todos a fim de servirem cada vez mais para as relações de poder em vigor, quis dar um caráter de personagem também.

3.3.3 A paleta de cores

Em todas as pinturas havia uma paleta básica com tintas de cores primárias (vermelho, azul e amarelo), preto e branco, que variavam entre os pigmentos azul ultramar, azul cobalto, azul cerúleo, carmim, vermelho de cádmio, vermelho francês, amarelo de cádmio, amarelo ocre, preto, preto de marte, dentre alguns outros. As cores aplicadas iam sendo criadas através de suas misturas antes de serem levadas a tela e em alguns quadros usei cores extras prontas como as fluorescentes. Para exemplificar, no caso do díptico ilustrado acima somente o verde neon veio de uma cor pronta que extrapolasse a paleta base, as outras cores são todas resultado de misturas na paleta.

3.3.4 Algumas ilustrações e reflexões de outros trabalhos

Figura 21: registro de imagem da obra "Comendo Bala, Bebendo Sangue, 2019



Acervo pessoal Cibelle Arcanjo

“Comendo bala, bebendo sangue”, fala sobre vários atravessamentos: O hábito de um café da manhã/um cotidiano alimentar tanto quanto o cotidiano de anúncio das notícias violentas e números sobre massacres e mortes causados pela arma de fogo. É um café da manhã num “estilo americano” ou de acampamento com “cereais na tigela”. A caneca esmaltada também é de um tipo comum usada no Brasil. Uma mistura de territórios. No topo do quadro nomes de lugares que sofreram ataques por gente armada espalhados pelo mundo escritos como se tivessem sido grafados à faca na madeira do deck. Nos telejornais da cidade do Rio de Janeiro enquanto o trabalhador toma seu café da manhã, se passam notícias sobre criminalidade, violência, medo e mais outros muitos

reflexos da desigualdade social e cultura da violência que vivenciamos. Quem come essas balas? Quem bebe o sangue dos mortos vítimas da violência armada? Para todos que fiquem de frente para o quadro vão ver ali uma mesa posta.

Figura 22: Registro fotográfico da pintura "A tendência militar não pode ser ignorada a essa altura", 2019



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

“A tendência militar não pode ser ignorada a essa altura”

Na nossa realidade há na moda muitas coleções inspiradas na estética militar. Há uma apropriação e amenização dessa estética (que é criada com finalidades de guerra) com o objetivo de comercialização visando o consumo pelo público civil.

A repetição de uma mesma figura remete a padronização de corpos, que forma uma tropa de mulheres também tendendo a um mesmo padrão (mulheres padronizadas) e quase idênticas que desfilam, mas também flertam com a marcha militar. É representado um controle dos corpos, do consumo, da imagem. Elas saem de um mundo de notícias ácidas (até tóxicas) daí os verdes neons que gritam por atenção lembrando que também é um pigmento químico. São notícias fragmentadas, não dá pra ler tudo o

que tem escrito, é só uma insinuação de texto, mas vemos “Attention Please” invertido. Há menção a recortes e colagens (todos com fundo cinza ou preto contrastando com o branco das letras que se destacam umas sobre as outras). As notícias vêm sendo friamente apresentadas a todo momento nos canais da mídia de massa, e as cápsulas de bala continuam caindo friamente em nosso mundo, na pintura as fiz azuis. As mulheres/bonecas/manequins/modelos passam por um mundo trabalhado em colagens e fragmentos onde há a violência fria no mundo. As balas caem e passam desconhecidas, balas perdidas, balas achadas, balas que caem na violência urbana. A pintura remonta a um mundo falso e ao mesmo tempo cinzento, cosmopolita, ácido/tóxico, rasgado, copiado, colado e re-colado, formatado, camuflado e apesar disso tudo, glamoroso, consumível, propagado e em andamento. Tudo é um processo e estamos dentro dele também. Ele vai se tornando colorido e movimentado, ainda violento, mas mais quente como as tendências na moda.

Ainda na narrativa sendo contada: elas saem do mundo das notícias para o mundo militar. O mundo de territorialização e camuflagem. A primeira da fila (lado esquerdo) é um espectro (portanto mais diluída e translúcida), um fantasma que as outras seguem, ela está se materializando dentro de um mundo quente (amarelos, vermelhos, marrons quentes), agressivo, cheio de manchas camufladas e topográficas, militar. As balas estão em suas cores naturais, um mundo onde caem cápsulas também como confeitos. A notícia e o enunciado da moda estão na frente também, é a influência da mídia, imagem e consumo nos caminhos percorridos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa não projetava a dimensão do quanto as imagens da cultura da violência estavam tão massivamente presentes no nosso cotidiano. Foi estarrecedor perceber que essas imagens circulam em praticamente todo e qualquer tipo de veículo ou canal de comunicação visual, quase sempre de forma nada crítica. E o quanto isso tudo cai em um “esquecimento” involuntário ou no campo do banal, mesmo abordando signos que geram sensação de insegurança. É comum, é “normal”. Toda essa matéria bruta referencial recortada inundou meu imaginário, permitindo-me pensar e refletir mais e mais sobre o mundo de hoje criando muitas narrativas e conexões mais profundas com a tradução/transmutação criativa e crítica que fiz na pintura. Em muitos momentos foi bem difícil lidar com essas imagens aos montes, por se tratar de um assunto denso e mesmo tendo feito mais de 25 obras a sensação de que é absurdamente insuficiente esteve e continua presente.

Muitas imagens contemporâneas dos canais da mídia de massa de fato estão intimamente ligadas à manutenção da cultura da violência e medo. Verifiquei que para abordá-las é preciso ter muita cautela, pois são imagens fortes que, mesmo tendo sido banalizadas, tocam tabus ou polarizações superficiais e contraditórias, principalmente após posse do atual governo federal e em meio a tanto sensacionalismo e não-crítica do assunto. Mesmo assim essas mesmas imagens vistas com cuidado e mais atenção são altamente reflexivas quanto a realidade que representam. Este trabalho emergiu então, algumas das conexões mais profundas que as imagens flutuantes e fragmentadas da superfície dos canais ocultavam mesmo refletindo logo de início.

O recorte de assunto escolhido me levou para caminhos nunca antes explorados por mim como artista em formação. Foi uma pesquisa muito desafiadora e muito emotiva que ressignificou todo o olhar sobre a própria vida e qual seria o meu papel enquanto artista hoje. Me aproximei de diversas outras áreas de saber para além da própria linguagem visual e pictórica como a sociologia, filosofia, política, economia, segurança pública, ciências sociais, etc. Sem dúvidas ampliou muito o meu acesso e repertório de saberes produzidos/catalogados sobre o mundo, além de conseguir passar da captação através da sensibilidade e acrescentar trazendo para a consciência a possibilidade de vários atravessamentos que um só assunto pode tocar.

Amadurecer essa pesquisa também fazendo uso da minha sensibilidade, recaptar e ressignificar conceitos, trazer essa consciência semântica, melhorar tecnicamente o fazer pictórico e a minha própria relação com a linguagem foi e creio que continuará sendo amadurecer meu trabalho como artista-cidadã e ser pensante dentro do mundo contemporâneo. Usar a Arte como veículo de educação, reflexão e transformação social é um dos papéis que julguei importantes em todo o decorrer da pesquisa, com a percepção de uma insuficiência de apenas pintar e exibir, aliando a preocupação de contextualizar as obras e falar da pesquisa ao exibir as imagens.

Com o tipo de pintura escolhido também houve um esforço de criar trajetórias alcançáveis à arte e às reflexões sobre essa realidade para pessoas diversas.

Cabe falar também, sobre algumas das limitações que a pesquisa teve. Muitas adversidades devido às minhas próprias condições socioeconômicas e em vários momentos sua continuação foi feita a duras penas e resistentemente, pois em meio ao pintar, ler e estudar, é comum ao estudante que traz em sua história condicionamentos socioeconômicos passar por muitos desvios a fim de manter sua subsistência e ainda assim continuar no processo. Registro aqui, que mesmo tendo sido aluna bolsista (da modalidade de Bolsa-Auxílio durante quase toda a graduação, à qual sou muito grata), não havia amparo financeiro suficiente com relação aos gastos necessários para a produção pictórica, acesso a materiais e livros e manutenção da vida acadêmica, indo e vindo de Niterói, cidade vizinha ao Rio de Janeiro, onde resido, o que me fez ter que trabalhar conjuntamente a outras áreas durante todo o período. Sem dúvidas também traz um desgaste físico e emocional exagerado, além de desvios na produção da pesquisa. Me questionei como seria a produção se houvesse condições mais tranquilas para que ela ocorresse mais desimpedida.

Muitos outros dados e estatísticas estudados tiveram que ficar de fora para que o trabalho não se estendesse ainda mais. Porém deixo como recomendação a quem quiser se aprofundar mais, a leitura completa do livro “Armas para quê? O uso de armas de fogo por civis no Brasil e no Mundo, e o que isso tem a ver com segurança pública e privada” do cientista político Antônio Rangel Bandeira, do livro Paz Armada da coleção Criminologia de Cordel, organizado por Vera Malaguti Batista, além do documentário Armados de Rodrigo Mac Niven e a animação “Cromofobia” do diretor e artista belga

Raoul Servais, disponível online com endereço de redirecionamento registrado nas referências bibliográficas deste trabalho.

Por fim, agregar ao debate da cultura da violência é essencial em nosso atual momento, observando e atuando de forma mais ampla possível, não esquecendo que o assunto tangencia aspectos internacionais, não restritos a culturas locais muito menos herméticas, a arma de fogo não respeita fronteiras e a cultura da violência não é algo recente. Existem muitas conexões e interesses por trás de cada imagem exibida nos canais da mídia massa e espero ter alcançado minimamente a profundidade necessária acerca disso com este trabalho teórico e prático. Sem dúvida, temos muito o que transformar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*; tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*; tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro em *Benjamin e a obra de arte - técnica, imagem, percepção*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2012

WASELFISZ, J.J. *Mapa da Violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2016

Atlas da violência 2019. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019

BANDEIRA, Antônio Rangel. *Armas para quê? O uso de armas de fogo por civis no Brasil e no mundo, e o que isso tem a ver com segurança pública e privada*. São Paulo: Leya, 2019

BUENO, Samira (coords.). *Atlas da Violência 2019*. Rio de Janeiro: Ipea e FBSP, 2019

NOBRE, Ana Luiza ... [et al.]; Vera Malaguti Batista (org.). *Paz Armada. Criminologia de Cordel*. Rio de Janeiro: REVAN/ICC, 2012

SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica?* 1999. Editora brasiliense

DONDIS, Donis A. *A Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991

BRIDGMAN, G. B. *Bridgman's são Complete Guide to Drawing from Life*. New York: Sterling Publishing Como., Inc. 2001

GUN VIOLENCE ARCHIVE. *Gun Violence Archive 2016*. Washington. Disponível em: <www.gunviolencearchive.org/> Acesso em: 7 ago. 2018

BRASIL, UM GRANDE E NEBULOSO VENDEDOR DE ARMAS ATÉ PARA DITADORES E GOVERNOS AUTORITÁRIOS. EL PAÍS. 2017. Disponível em: <brasil.elpais.com/brasil/2017/09/15/politica/1505499172_880938.html>. Acesso em: 6 ago. 2018

EUA REGISTRAM 273 TIROTEIOS EM MASSA NOS PRIMEIROS 275 DIAS DE 2017, DIZ ASSOCIAÇÃO. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/internacional-41482291> Acesso em: 7 ago. 2018

'METRALHADORA DO RAMBO' APREENDIDA NO RIO É DE BRINQUEDO. 2017. Disponível em <www.g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/metralhadora-do-rambo-apreendida-no-rio-e-de-brinquedo.ghtml> Acesso em: 7 ago. 2018

MAC NIVEN, Rodrigo. *Armados*. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZwxYze7RcQ&t=1926s>> Último acesso em: 5 de fevereiro de 2020

SERVAIS, Raoul. *Chromophobia*. Animação 1966. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9VhH8AbCHX4&t=1s>> Último acesso em: 17 de outubro de 2019

My Firt Rifle, Site Keystone Sporting Arms. Disponível em: <<https://www.kestonesportingarmsllc.com/crickett-rifles/>> Último acesso em: 17 de julho de 2020

ANEXOS

Registro fotográfico da pintura "Pormenor", 2018



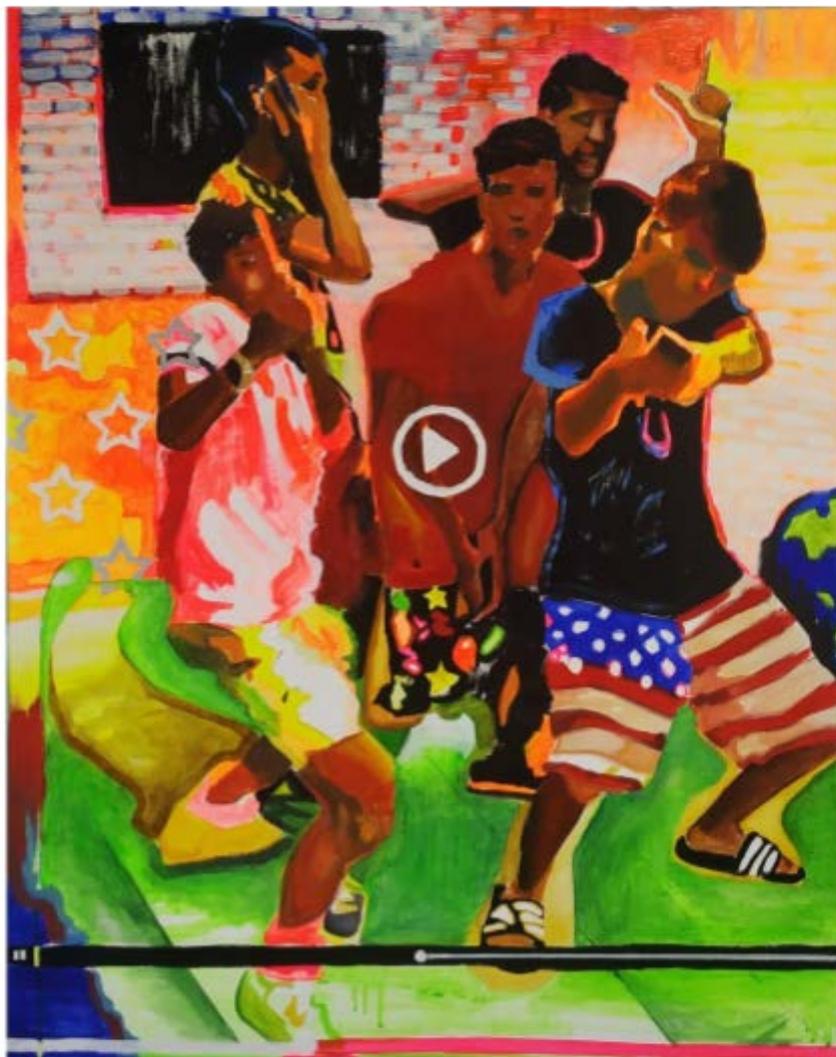
Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "O Jogo", 2018



Fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Culto à ilusão", 2019



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Cromofobia", 2018



Fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "É de mentirinha", 2019



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Family Time", 2018



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Todo Poderoso", 2019



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "O Natal do Pequeno Cowboy", 2018



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Picnic", 2018



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Retrato Camuflado - caçador", 2018



Pintura e fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Santo Corrompido", 2019



Fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Todo dia é dia dos mortos", 2019



Fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Máquina",



Pintura e Fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo

Registro fotográfico da pintura "Attack", 2020



Pintura e Fotografia acervo pessoal Cibelle Arcanjo